

Ninguém consegue alterar
A força deste preceito:
Quem mal começa o que faz
Nunca termina direito.

Caridade que deseje
Transformar-se em vida sã,
Se tem auxílio que dar
Não deixe para amanhã.

Felicidade reclama
Que o homem faça direito
Não aquilo que se quer
Mas o que deve ser feito.

ESCONJURO

Espantemos a ignorância com o Espiritismo, neste mundo e no outro.

Depois de morto, o Tonho Fazendeiro,
Ricaço do Varjão de Tapiruva,
Deu de morar num galho de criúva
E assombrar as galinhas do terreiro.

Roncava ser grandão e mandachuva,
Xingava e gargalhava o dia inteiro,
Queria terra e sacos de dinheiro,
A debochar das preces da viúva.

Certa noite surgiu sobre o sarilho
O Espírito do pai que disse: — “Filho,
Deus te abençoe, meu filho, meu Antônio!”

Mas Nhô Tonho correu pulando um muro,
Berrou que nem cabrito: — “Te esconjuro!”
Pensando que o pai dele era o demônio...

“Quem foge ao mar não se afoga”,
 Repete o povo onde vais,
 Contudo, quem não se arrisca
 Nunca se afasta do cais.

Dinheiro e palha — um só peso
 Pelo prumo da balança,
 Mas dinheiro com bondade
 Renova a luz da esperança.

Não há noite tão profunda
 De tentação ou pesar,
 Que o pensamento na prece
 Não consiga iluminar.

BOTA-FORA DE NHÔ CHICO

Caiu Nhô Chico morto, ao fim da janta,
 Papou tatu ervado e foi caipora.
 O povo segue o enterro, reza e chora:
 — “Coitado de Nhô Chico Couro D’Anta!”

O avarento vivia de penhora.
 Sovinaria nele era já tanta,
 Que engastalhava o cuspe na garganta
 Com pena de jogar o cuspe fora...

Mas Nhô Chico sabia tanto ensino!
 Assunto o céu sereno e não atino
 Por onde sobe ele e se agasalha...

Pasmo, vejo o caixão roixinho perto;
 Nhô Chico está no corpo, de olho esperto,
 Caçando aflito um bolso na mortalha...